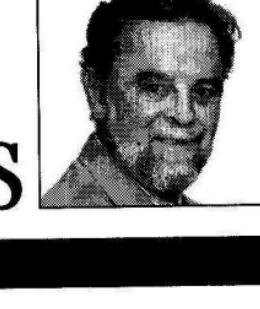


MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

Antônio Poteiro

• Só vou tratar amanhã da acareação no Senado. Hoje,uento histórias mais limpas. A maioria dos jornalistas da minha geração tinha uma esporte: combater a ditadura. Nada melhor para incentivar a criatividade do que submetê-los à censura. Uma exceção era Washington Novaes. Não que aprovasse o regime. Mas sua ambição era maior: tentava preservar a natureza, queria salvar o mundo.

Quando Washington aceitou assumir a direção de um jornal em Goiânia, sua terra natal, estava trabalhando no "Jornal Nacional", depois de passar anos no "Globo Repórter". Tinha todas as portas abertas à frente, para fazer o que quisesse. Surpresos, seus amigos pensaram que não ia durar, não agüentaria o provincialismo e em seis meses estaria de volta ao Rio. Já lá se vão quase 20 anos e Washington continua lutando pela preservação ecológica do Planalto Central, do Brasil e do mundo.

Pouco depois de instalar-se em Goiânia fez um longo documentário sobre o Xingu e seus povos, que se tornou um clássico nas locadoras de vídeo. Recentemente, terminou para a TV Cultura um documentário, que será exibido em cinco vezes, sobre o lixo na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Diz que o mundo produz dois milhões de toneladas de lixo por dia e não sabe mais o que fazer com ele.

No meio tempo, Washington foi não só a referência em Goiás para os jornalistas e intelectuais do resto do Brasil como um dinamizador do movimento artístico local, com o geólogo Luís Gravatá, delicado cultivador de amizades. Hoje, Washington não troca mais a qualidade de vida tranquila e despoluída de Goiânia por lugar alguma. Diz que não importa onde se vive desde que se tenha um projeto de trabalho na cabeça.

Foi em grande parte por intermédio dessa dupla que um maravilhoso punhado de pintores e escultores goianos se tornou conhecido. Uma das estrelas da constelação é um velho oleiro, de patriarcas barbas brancas, nascido em Portugal e trazido para o Brasil com 2 anos: Antônio Batista de Souza, mais conhecido como Antônio Poteiro. Começou na profissão do pai e do avô, fazendo potes. Pouco a pouco agregou pequenas esculturas decorativas aos potes, até que sua finalidade prática se perdesse. Depois, passou a esculpir estranhos animais e figuras humanas, monstros e santos, até construir grandes aglomerados mitológicos que, por vezes, chegavam a dois metros de altura. Duas dessas esculturas estão à porta de sua casa, como os dragões que guardam as entradas dos templos no Tibete.

Um dia, Siron Franco, que acabara de ganhar um prêmio na Bienal de São Paulo, disse a Poteiro que ele era um pintor que se desconhe-

cia. Deu-lhe três telas de presente, pincéis e alguns tubos de tinta, esquecendo-se de dar os solventes. Poteiro perguntou o que deveria pintar e Siron respondeu que pintasse o que lhe viesse à cabeça.

Dito e feito. As primeiras telas nasceram espessas, tinta sobre tinta, quase da textura do barro, e com o passar dos anos começaram a rachar, precisando ser restauradas. Mas a receita estava dada.

Colar rótulos no trabalho de artistas é um hábito para facilitar a vida dos críticos. Foi o que fizeram com a pintura de Poteiro, classificando-a como ingênuo ou primitivo. Entende-se. Seu trabalho é difícil de rotular e a pintura ingênuo é reconhecida no mundo inteiro. Na verdade, Poteiro é um ilustrador das lendas que cria. Ele pinta da mesma forma como trabalha o barro, agregando figuras umas às outras, sem quase deixar espaços vazios e dando preferência às cores primárias. Assim, na sala de sua casa, há um grande quadro que só se entende depois de explicado. Representa, diz ele, o mundo no momento da criação, quando homens e mulheres viviam apartados, separados por um grande rio. Presume-se que o rio seja o Amazonas, pois Poteiro diz que os homens ficavam do lado do Pará e as mulheres do lado do Amazonas. A espécie humana só passou a se reproduzir quando os homens passaram para o lado das mulheres e aprenderam a fazer sexo olhando o que os bichos faziam. Os bichos, entregues à infreque copulação, ficam do lado inferior da tela, nela introduzindo um elemento humorístico.

Muitos quadros são políticos, como o dos monstros e jacarés acobertados pelas bandeiras americanas, que representam a pilhagem da Amazônia pelos Estados Unidos.

Vez por outra Poteiro vem ao Rio, onde se hospeda no apartamento do Luís Gravatá, que tem a mais espetacular vista das praias cariocas e até de Niterói e Itaipu. Mas, quando pintou a cidade, preferiu retratar a Praia da Urca, com figuras voando entre os morros da Urca e do Pão de Açúcar.

Perguntei se eram anjos e respondeu que não, eram praticantes de asa-delta.

Um tema que gosta de pintar é o carnaval, embora nunca tenha visto um desfile de escola de samba. Talvez seja uma vantagem, porque a imaginação costuma ser mais verdadeira que a realidade.